

I Jornadas Internacionais de Arte e Moda na UBI Porque a moda não vive sozinha

Na sessão de abertura das I Jornadas Internacionais de Arte e Moda, o professor Rui Miguel dizia que os prognósticos se fazem, somente, no fim do jogo. Atraveu-se a referir, porém, que os três dias de conferências seriam um caso de sucesso. E, na verdade, assim aconteceu. Já no final, as opiniões de quem viu e ouviu foram unânimes: tratou-se de um evento enriquecedor e que urge repetir.

Rosa Ramos

Organizadas pelo Departamento de Ciência e Tecnologia Têxteis, com a colaboração do núcleo de estudantes de Design Têxtil e do Vestuário (Ubifashion), as I Jornadas Internacionais de Arte e Moda trouxeram à UBI, ao longo dos dias 8, 9 e 10 de Março, um leque de conferencistas de luxo. Provenientes de áreas de conhecimento muito diferentes, oradores espanhóis, portugueses e belgas explicaram, durante os três dias do evento, que a moda está longe de ser um campo isolado. Muito pelo contrário, é um saber interdisciplinar, onde convergem várias áreas tecnológicas e humanas.

Um olhar mais atento pelo programa confirmava isso mesmo: existiam painéis diversificados, incidindo sobre as relações da moda com áreas como o Cinema, o Teatro, a Publicidade, a Museologia, a Psicologia, a Arquitectura e a Saúde, entre outras.



Participantes portugueses, espanhóis e belgas falaram sobre moda

Rui Miguel, presidente do Departamento de Engenharia Têxtil e um dos coordenadores do evento, apontou três factores essenciais para o sucesso das conferências. Por um lado, o apoio interno da Universidade,

que definiu como sendo "incansável". Por outro, a qualidade e diversidade dos oradores convidados. A "casa cheia" ao longo dos três dias foi também um factor chave. Não há moda sem uma base cultu-

ral forte e é no recolher de informações que se alicerça o futuro. Nesse sentido, as jornadas permitiram aos alunos de Design e de Engenharia Têxtil abrir horizontes e despertar sensibilidades para os vários campos que fazem fronteira com a moda e a arte.

António Delgado, professor do Departamento de Comunicação e Artes, que também participou na coordenação do evento, explicou ao Urbi que as jornadas foram pensadas no âmbito dessa "complementaridade com a formação dos alunos." Visivelmente satisfeito, reconheceu que nos planos curriculares das licenciaturas nem sempre é possível fornecer aos alunos todo o tipo de conteúdos que seriam frutuosos em termos de formação. Até porque hoje, "as carreiras são cada vez mais abertas e requerem outro tipo de conhecimentos", acrescentou Rui Miguel. O presidente do Departamento de Engenharia Têx-

til manifestou, ainda a vontade de que a UBI possa servir para "formar gente mais qualificada no sentido de ajudar as empresas do sector a competir num mercado que, como se sabe, é extremamente concorrencial".

Numa altura em que cada vez mais se diz que vivemos numa sociedade ditada pelas leis da moda (seremos escravos dela?), as I Jornadas de Arte e Moda serviram para desmistificar e explicar o que está para além dos bastidores da criatividade e da produção daquilo que vestimos. A moda, um mundo visual por excelência esteve, deste modo, em grande destaque na Universidade. No final do evento, António Delgado confessou que os objectivos foram "inteiramente cumpridos". Ao todo foram três dias para reflectir sobre o vestuário, o fenómeno da moda e a interdependência entre a arte e o consumo, num evento a repetir.

Arquitectura debate processo criativo A arte de criar

Várias personalidades das mais diversas áreas artísticas discutiram a importância do processo criativo. Criar é sinónimo de trabalho, persistência, dedicação, talento e muita força de vontade. A ideia de organizar este debate partiu do curso de Arquitectura e a sessão que lhe deu corpo teve lugar no passado dia 7 de Março.

Filipa Minhós

"A criatividade estende-se a todas as áreas da produção humana. E daí a necessidade de se organizar um encontro para discutir o processo criativo" - explica José Calado, director do curso de Arquitectura da UBI. Esta iniciativa foi organizada em colaboração com Eduarda Lobato Faria, docente da disciplina de Desenho, que convidou uma série de personalidades ligadas a vários domínios do exercício da criatividade.

O objectivo primordial foi propiciar um debate onde se pretendeu sobretudo desmistificar os mistérios do processo criativo. Pelo meio, foram explicitados uma série de conselhos práticos, que se podem tornar muito úteis para qualquer aluno que ingresse no mundo das actividades criadoras. "Esta conferência constituiu já memória, património, que os alunos não vão poder ignorar quando participarem na sua própria aventura criativa" - sublinha Eduarda Lobato Faria.

Destinada essencialmente aos alunos de Arquitectura, a conferência reuniu, no anfiteatro 8.1 da UBI, António Pedro Vasconcelos, realizador dos filmes Jaime, Os Imortais e Oxalá; José Diogo Quintela, humorista e guionista



Desmistificar o processo criativo foi o objectivo da iniciativa

das Produções Fictícias; Helena Malheiro, escritora e vencedora do Prémio Revelação de Ensaio, e António Lobato Faria, director da Editora Oficina do Livro.

Assumindo-se como fundamental em todas as áreas artísticas, "o processo criativo assenta em certos indicadores obrigatórios", adianta ainda a professora de Desenho. Trabalho, transgressão, persistência, dedicação e talento são, segundo os palestrantes convidados, condições necessárias para que o processo de criação dê os seus frutos.

A conferência, todavia, acabou por atrair alunos de outros cursos da UBI. João Alberto Maia, do curso de Cinema, encarou esta iniciativa de

uma forma positiva, mas como sendo uma rara excepção. "O facto de podermos tratar livremente certos assuntos, neste caso o processo criativo, é muito bom. As personalidades convidadas ajudaram hoje os alunos a terem uma visão diferente da comum. Só é pena que se façam poucos eventos deste género". Considerando que esta é a maneira mais apelativa de aprender, Calado vai continuar a persistir na organização de debates e conferências. "Os alunos da actualidade já não se deixam estimular tanto pelas técnicas de ensino tradicionais. Estas iniciativas ajudam a motivá-los para as disciplinas leccionadas".

Doutoramento em Engenharia da Produção Formulação para inovar

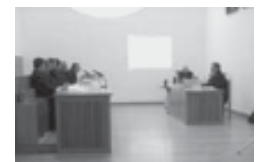
Tese de doutoramento foi feita a pensar na área das telecomunicações e pode ser alargada a outros campos.

Eduardo Alves

Quem pensaria que a inovação, resultante de uma acção, tem um tempo. Por outras palavras e segundo José Coelho Ramos, autor da tese de doutoramento intitulada "O Conceito de Acção para medida da Inovação", uma certa novidade ou avanço científico tem repercussões ao nível da sua operacionalidade.

Vindo da área das telecomunicações, José Coelho Ramos apresentou um estudo onde o principal alvo foi o tempo dispensado na instalação de aparelhos telefónicos e a alteração deste resultante da introdução de uma inovação. Isto é, cada vez que uma peça evolui, o tempo de montagem da mesma, de adaptação e de utilização são também afectados. Por outro lado, "podemos também verificar em que patamar de inovação nos encontramos através da medição do tempo dispensado na produção dessa mesma inovação.

A tese de doutoramento resultou também de "largos anos de trabalho e parceria entre as empresas ligadas às telecomunicações na Península Ibérica". Na sua tese, José Coelho Ra-



Estudo sobre telecomunicações

mos chega mesmo a comparar tempos de instalação e aparelhos utilizados nos dois países ibéricos.

Uma prova que recebeu aprovação por parte de júri composto por Fernando Rodrigues, professor catedrático convidado da UBI, José Afonso Cruz, professor catedrático da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Carlos Cabrita, professor catedrático da UBI, Tesselano Devezas, professor associado da UBI, Silvío Mariano, professor auxiliar da UBI, Denis Coelho, professor auxiliar da UBI, Carlos Duarte, professor auxiliar do Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing e João Matias, professor auxiliar da UBI.